

Muntadas: Entre/Between

Muntadas: Entre / Between

Edição | Editor
Departamento de Actividades Editoriales del Museo
Nacional Centro de Arte Reina Sofia y Actar
Madrid 2011

Textos de | Texts by
Manuel Borja-Villel; Daina Augaitis;
Eugeni Bonet; Jo-Anne Birnie Danzker;
Ina Blom; Marcelo Expósito; Gerald Raunig;
Brian Wallis; Judith Revel; Marc Augé;
Simón Marchán Fiz; Iris Dressler;
Emily Apter; Raymond Bellour; Octavi Rofes;
Lise Ott; Sven Spieker; Anne-Marie Duguet;
Mary Anne Staniszewski

304 pp. | 42.40€

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES UPCOMING EXHIBITIONS

Carlos Nogueira
o lugar das coisas
a place for all things
21.09.2012 - 06.01.2013

Gerard Byrne
Imagens ou Sombras
Images or Shadows
21.09.2012 - 06.01.2013

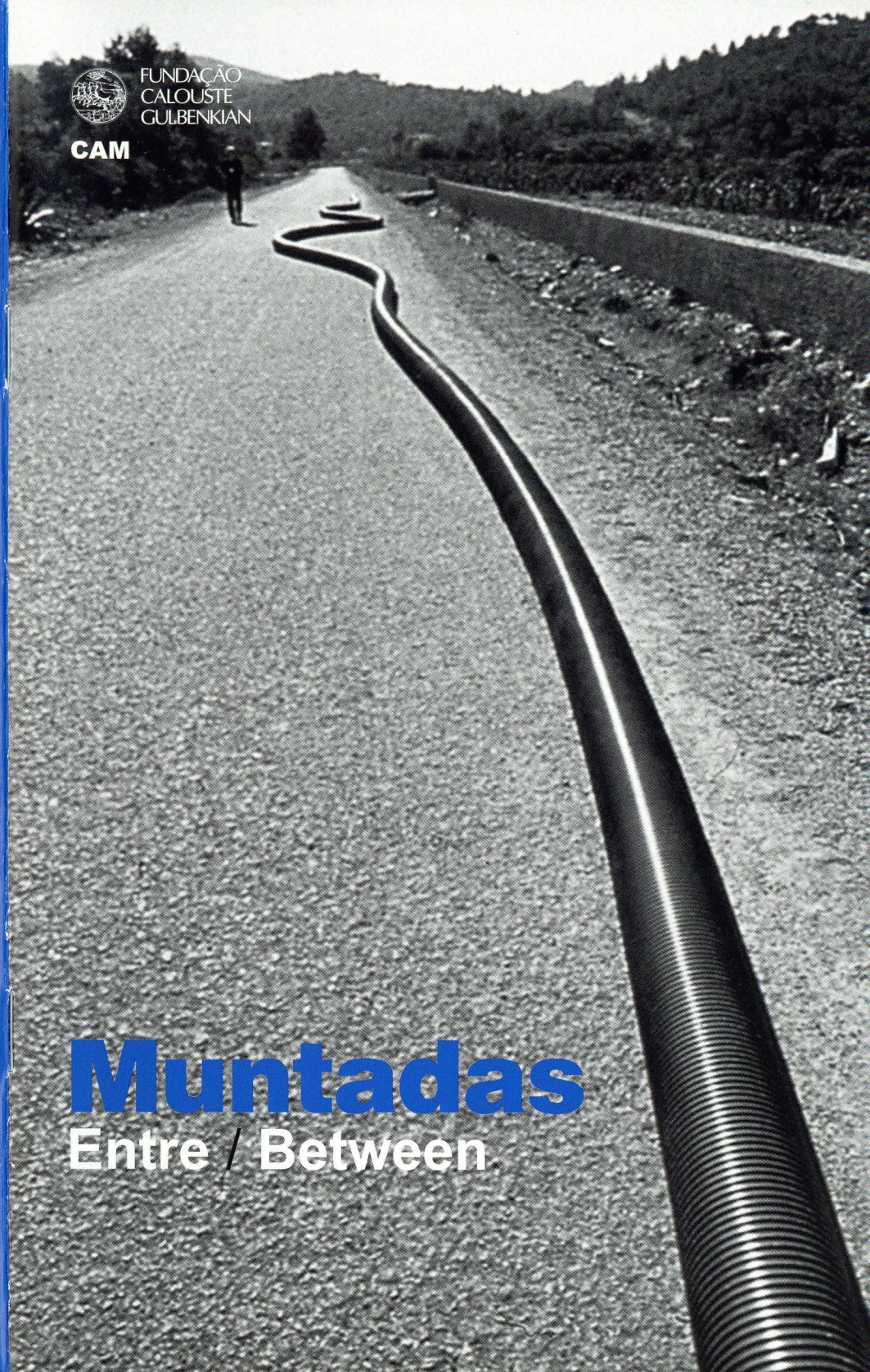
VISITE A COLEÇÃO DO CAM EM
EXPLORE CAM'S COLLECTION AT
www.cam.gulbenkian.pt

CAM 2012



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

CAM



Muntadas

Entre / Between

Muntadas

Entre / Between

1 junho > 2 setembro 2012

CAM - Hall, Sala A, Sala B, Nave e Galeria -1

1 June > 2 September 2012

CAM - Hall, Room A, Room B, Level 0 and Level -1

Exposição organizada pelo Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian.

Exhibition organised by the Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia in collaboration with Fundação Calouste Gulbenkian.

A exposição *Entre/Between* de Antoni Muntadas (Barcelona, 1942) no CAM – Fundação Calouste Gulbenkian é uma seleção da mostra mais ampla que o Museu Nacional de Arte Reina Sofia, Madrid, expôs recentemente.

Incidindo nos trabalhos da década de 70, o início do percurso artístico de Muntadas, a exposição permite contactar com uma série de obras desconhecidas entre nós e que são portadoras de uma vitalidade concetual e criativa assinalável, nomeadamente o trabalho sobre o espaço e a vivência quotidiana através dos sentidos.

De referir a ocupação por inteiro da galeria 01 com a instalação *Exhibition* (1987-2012), poucas vezes mostrada e uma obra incontornável onde a crítica institucional, o rigor de meios e a reflexão sobre os próprios mecanismos museológicos é levada ao extremo da depuração e da eficácia comunicacional. Características que atravessam toda a obra do artista.

Isabel Carlos (Diretora do CAM – Fundação Calouste Gulbenkian)

The exhibition *Entre/Between* by Antoni Muntadas (Barcelona, 1942) at CAM – Calouste Gulbenkian Foundation is a selection from the broader show recently presented at the Reina Sofia National Museum of Art.

Focused on works from the 1970s, the onset of Muntadas' artistic career, this exhibition allows us to make contact with a series of works that were never before seen in Portugal and which boast a remarkable conceptual and creative vitality, namely the work about the space and the daily life through the senses. Also noteworthy is the entire occupation of gallery 01 with a rarely shown installation, *Exhibition* (1987-2012), a remarkable work in which the institutional critique, the rigor of means and the reflection on the very own museological mechanisms is taken to an extreme of refinement and of communicational efficacy – some of the characteristics that run through all of the artist's oeuvre.

Isabel Carlos (Director of CAM – Fundação Calouste Gulbenkian)

ENTRE

Muntadas tem-se referido com frequência à condição de estar «entre» como ponto de partida para o seu trabalho. Este estado de contingência é fruto da mobilidade, um dos aspetos que melhor definem a sociedade atual. Este «entre» pode ser caracterizado como um território ambíguo situado à margem de lugares ou destinos específicos. Entendida como uma zona inativa e intermediária de separação, antecipa, no entanto, uma série de distinções e configura algumas entidades que se definem para lá das suas margens, já que nos limites do «entre» reside o princípio de «algo» ou de «algum lugar», a aparência nebulosa de novas fronteiras. Movido por uma curiosidade sem fim, Muntadas, incansável viajante, passou muito tempo em trânsito nos sombrios espaços das partidas e chegadas. Este desejo ávido de investigar o quase desconhecido persegue-o desde 1971, quando, com 29 anos, saiu de Barcelona para se estabelecer em Nova Iorque, e desde então mantém ateliês em ambas as cidades, além de criar projetos, realizar exposições e dar aulas em várias partes do mundo. Em resultado de uma imersão tão intensa e constante, tem sido capaz de mostrar as crescentes semelhanças de uma cultura cada vez mais global e homogeneizada, registando esses espaços «entre» que oferecem uma escassa sensação de pertença e que o antropólogo francês Marc Augé – ao descrever espaços ubíquos como salas de espera de aeroportos ou centros comerciais – denominou de «não-lugares». ¹ De forma mais significativa, o interesse de Muntadas pelos movimentos e mudanças imprevistos do nosso mundo – transformações que deram origem a ensaios críticos sobre o sujeito nómada – governa grande parte da sua prática conceptual. A sua relação assídua e reiterada com múltiplas culturas, línguas e ideologias permitiu-lhe centrar-se nas interconexões e atuar sobre o potencial transgressor de uma posição em constante mudança. ²

Nesse sentido, «entre» não é apenas um espaço de separação, mas também a sua antítese – um espaço de ligação, um território crescente de vias e passagens que oferece possibilidades inexploradas associadas a um espaço inespecífico ou não reclamado; uma zona extremamente ativa e produtiva, que poderia mesmo possuir uma dimensão utópica. Como termo que une espaço e tempo, «entre» tem sido comodamente usado relativamente a teorias sobre as migrações humanas e respetivas mudanças culturais. Irit Rogoff, por exemplo, refere-se, nas suas teorias sobre o pós-colonialismo, às condições mutáveis do espaço, à «deslocação de temas e ruptura de narrativas coletivas», ³ lamentando «a ausência de princípios de navegação». ⁴ Nas suas análises à geografia e localização, pergunta-se «de onde sou?», ⁵ dando a entender que a nossa «diferença, é não a nossa homogeneidade, determina o que sabemos». ⁶ A perspetiva de Homi Bhabha sobre a diferença cultural relacionada com a agitação social propõe que estes «espaços intermédios proporcionam o terreno para elaborar estratégias de individualização [...] que promovem novos signos de identidade e espaços inovadores de colaboração e de contestação, no processo de definir a própria ideia de sociedade». ⁷

Homi Bhabha sugere que no mundo de hoje, com tanta migração, «não pertencer» e «não estar em casa» ⁸ são, de facto, fatores essenciais para conseguir ter uma perspetiva crítica; e que o feito de ocupar estas «passagens intersticiais [...] abre a possibilidade de um hibridismo cultural». ⁹

CARTOGRAFAR UMA PRÁTICA ARTÍSTICA

A prática artística de Muntadas pode ser comparada com uma espécie de estudo de campo. Durante as quatro décadas em que se dedicou a minar o poder latente da indeterminação – utilizando-o como trampolim para grande parte da sua exploração cultural – recorre a metodologias das ciências sociais tais como a observação e entrevistas informais. Posicionando-se quase sempre como um *outsider* aberto mas informado, Muntadas estuda sensações, gestos, memórias, perceções, interações e representações através da observação de indivíduos, lugares, acontecimentos e objetos. Ao abordar a sua prática artística a partir de um estado de «não pertença», conseguiu descobrir algumas das complexidades dos discursos e estruturas sociais contemporâneas. (...)

Muitas das obras de Muntadas tendem a ser projetos relacionados indiretamente com o mercado da arte, mais do que objetos de arte autónomos. De um modo geral, estes projetos contam com a participação de grupos de cidadãos, estudantes ou professores na sua formulação, investigação e produção, numa interação que se prolonga por meses ou mesmo anos. Enquanto a mão de Muntadas está sempre presente, o seu trabalho possui um carácter participativo, aberto a contribuições e mesmo a interferências. As suas obras são por vezes expostas no mesmo âmbito público que investigam, amiúde como peças *site-specific*, que dependem do cenário concreto onde serão expostas, seja na Internet, num museu ou na rua. Mais do que apresentar um ponto de vista particular, as instalações, fotografias, vídeos, intervenções, ações e publicações resultantes – ainda que críticas na sua apresentação – tendem a comunicar campos de informação que podem ser reorganizados segundo uma tipologia, reenquadrados sem o seu êxito anterior ou interculturalmente reexaminados. Sem estar particularmente interessado em harmonias formais, Muntadas prefere utilizar uma estética informativa altamente gráfica e textual. Os folhetos, posters, jornais, cartazes, televisores, CD, caixas de luz, sinais de trânsito e fragmentos arquitetónicos que predominam nos seus trabalhos fazem eco das técnicas e tecnologias do contexto mediatizado que analisa. Estes redesenham-se como obras de arte que destacam ou justapõem e devolvem um *slogan* isolado, uma manchete ou um *jingle* comercial; este processo de distanciamento não se centra apenas no conteúdo, como expõe os meios subjacentes à mensagem, revelando o que se encontra «entrelinhas». ¹⁰

Uma síntese das suas principais explorações dos últimos quarenta anos revela que Muntadas tem vindo a empregar estratégias semelhantes ao longo de décadas, especialmente os modos fundamentais de observação dos seus primeiros trabalhos dos

anos setenta. Estas atividades e ações baseadas na experiência examinavam os sentidos menores (os sentidos menos considerados: olfato, tato e gosto) e pretendiam agudizar a percepção de materiais correntes e espaços pessoais. À medida que os seus interesses cresceram, de forma a incluir uma perspectiva mais abrangente e pública do quotidiano, Muntadas adotou também uma abordagem mais social. Paralelamente, começou a evidenciar-se na sua obra um fundo de consciência política que se tornou especialmente visível nas suas influentes colaborações com o Grup de Treball, do qual Muntadas foi membro ativo. Entre 1973 e 1975, durante os últimos anos da ditadura repressiva do general Franco, os artistas que faziam parte deste breve mas construtivo movimento «geraram o debate artístico mais radical que teve lugar na Catalunha em torno da prática da arte».¹¹ Conforme relata Antoni Mercader, um dos membros do Grup de Treball, a natureza ideológica do coletivo, além de os pôr em confronto com a ditadura espanhola, permitiu-lhes mostrar a sua desilusão com a vanguarda e o sistema comercial da arte, com a criação de obras conceituais e efémeras, tanto individuais como coletivas, que desarticulavam as noções tradicionais em torno dos materiais artísticos e da exposição de obras de arte.¹² O percurso estético e sociopolítico de Muntadas tem sido coerente desde então.

Considerado internacionalmente como um dos primeiros artistas que se interessou por *media art* em plena década de 1970, as primeiras experiências de Muntadas com vídeo foram intervenções diretas na «paisagem mediática», tal como o artista a denominava então. De entre os seus múltiplos projetos, destaca-se a dissecação de símbolos, imagens, créditos e slogans dos meios de comunicação, bem como o seu trabalho com diferentes comunidades para introduzir programas relevantes sobre tradições e acontecimentos locais nos incipientes ecrãs da comunicação de massas. Com a intenção de abordar questões que foram relevantes para o artista na era da informação, interveio em ações quase clandestinas e de pequeno formato, bem como em grandes projetos-manifesto que, de forma audaz, situavam na esfera pública os temas fundamentais da época. Entre estes manifestos encontra-se, em particular, a sua proclamação de que a arte e a vida estão inextricavelmente ligadas – «Arte ⇌ Vida» –, uma convicção subjacente a toda a sua obra, bem como às suas ações quotidianas, que se reflete na declaração: «Trabalho onde vivo e vivo onde trabalho».¹³ Em 1981, outro dos seus projetos-manifesto, num comentário sobre o engodo da imagem, proclama num enorme painel publicitário: «What are you looking at?» (Para o que está a olhar?). Em 1999 criou uma série de cartazes, autocolantes e rótulos com a afirmação: «Warning: Perception Requires Involvement» (Atenção: a percepção requer participação) – com a qual obriga os transeuntes a responsabilizarem-se pela sua própria implicação –, uma declaração que vai mais além do que a mera crítica no sentido de identificar e participar em novas alternativas.

Nos anos oitenta, Muntadas intensifica a sua análise da sintaxe, dos arquétipos e da arquitetura da paisagem mediática, bem como a sua preocupação em desvendar as polémicas dicotomias entre o público e o privado, o subjetivo e o objetivo, o padrão e o específico, adotando uma posição de «subjetividade crítica»¹⁴ com um interesse cada vez mais profundo pela tensão entre estes opostos. Durante a década de oitenta, inicia também uma série de investigações a longo prazo sobre as estruturas e os códigos de controlo, especialmente no próprio meio artístico. (...) Nos anos noventa, centra a sua atenção com maior insistência nos aspetos relacionados com a tradução, ainda que já tivesse articulado o seu interesse por este tema em finais dos anos setenta com perguntas como «How do we choose to interpret what we see?» (Como escolhemos interpretar aquilo que vemos?)¹⁵ (...) O projeto de Muntadas pretende precisamente considerar as nuances, os valores e as forças dos signos culturais, uma investigação que é vital para decifrar e participar no mundo híbrido de hoje. (...)

A última secção, denominada «Sistemas de arte», apresenta instalações e trabalhos conceituais que criticam as hierarquias do mundo da arte, numa reflexão sobre a institucionalização dos museus e a política e o negócio da arte. Também destaca uma importante instalação, *Exposición / Exhibition*, que questiona e desconstrói os recursos que se utilizam tradicionalmente para enquadrar e expor. (...)

Quando os visitantes abandonarem o espaço oficial desta exposição ou publicação para se embrenharem na imensidão do mundo exterior, acabarão inevitavelmente por tropeçar em espaços «entre». A obra de Muntadas sugere que, nessas situações, que não podem ser completamente conhecidas, previstas ou controladas, existe a possibilidade de estabelecer uma multiplicidade de relações, em especial se interviermos de forma consciente na descodificação e tradução de «o que estamos a contemplar».

Daina Augaitis (Curadora Principal e Diretora Adjunta da Vancouver Art Gallery)

Excerto do texto publicado no catálogo da exposição: *Muntadas: Entre/Between*, Madrid, MNCARS, 2011.

¹¹ Marc Augé cunhou a expressão «não-lugares» num ensaio e livro com o mesmo título, *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia de Supermodernidade*, [trad. Maria Lúcia Pereira], São Paulo: Papirus, 1994. Publicado originalmente em francês, *Non-lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris: Edition de Seuil, 1992.

¹² O sujeito nómada foi analisado na obra escrita de Gilles Deleuze e Felix Guattari, bem como na visão feminista de Rosi Braidotti.

¹³ Irit Rogoff, *Terra Infirma: Geography's Visual Culture*. Londres: Routledge, 2000, p. 1.

¹⁴ *Ibid.*, p. 14.

¹⁵ *Ibid.*, p. 14.

¹⁶ *Ibid.*, p. 5.

¹⁷ Homi K. Bhabha, *The Location of Culture*. Londres: Routledge, 1994, p. 1.

¹⁸ Irit Rogoff, *op. cit.*, p. 2.

¹⁹ Homi K. Bhabha, *op. cit.*, p. 4.

²⁰ *Between the Lines* (1979) é uma das primeiras obras de vídeo de Muntadas sobre os mecanismos invisíveis que controlam e contextualizam a informação dos meios de informação. Fonte: <http://www.eai.org/title.htm?id=1891>

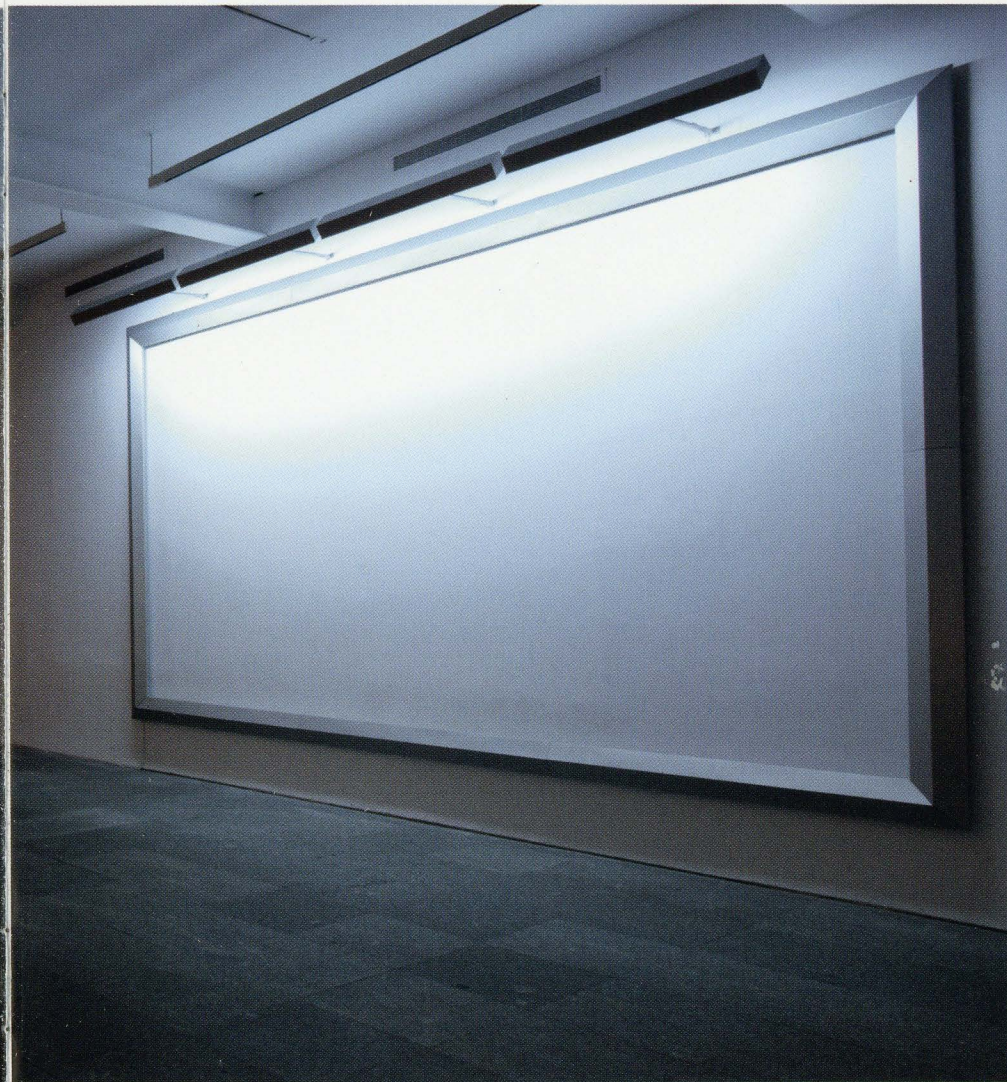
²¹ Pilar Parcerisas, «Grup de Treball: arte e ideologia política», in *Grup de Treball*, Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, 1999, p. 126.

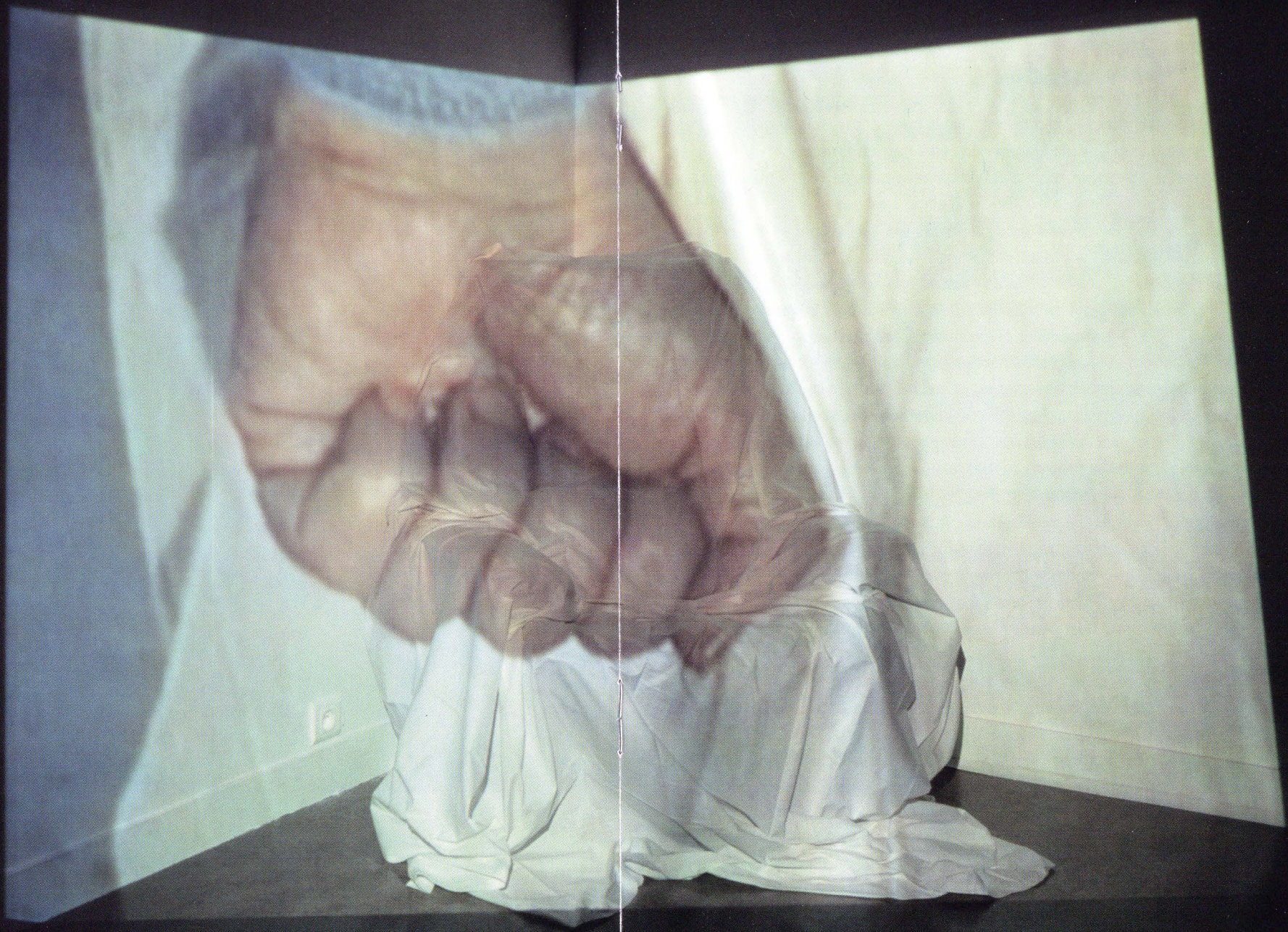
²² Antoni Mercader, in «Sobre Grup de Treball», in *Grup de Treball*, *op. cit.*, p. 121.

²³ Eugeni Bonet, *Monografias – Muntadas*, Fundació la Caixa, http://www.mediatecaonline.net/Obert/EP00027/cas/index_en.htm, 2011

²⁴ Muntadas utilizou pela primeira vez o termo «subjetividade crítica» em relação à sua obra seminal *On Subjectivity*, 1978.

²⁵ Página web de Eugeni Bonet.





MUNTADAS: BETWEEN

IN BETWEEN

Muntadas has often spoken about the condition of being 'in between' as a point of departure for his work. Such a state of contingency is the product of mobility, a condition that defines today's society more than ever. This *between* can be characterised as a place of ambiguity situated outside specific sites or destinations. Perceived as an inactive intermediary zone that separates, it nevertheless foreshadows distinctions and gives shape to identities that are delineated beyond its margins, for at the limits of *between* lie the beginnings of *some thing* or *some place*, the foggy appearance of new frontiers. Drawn by a relentless curiosity, Muntadas has always been a traveller, spending a great deal of time in those murky spaces between arrivals and departures. This insatiable desire to investigate the little known tugged at Muntadas as early as 1971 when at the age of twenty-nine he left Barcelona for New York, and since then has maintained studios in both those cities, as well as created projects, exhibited and taught in innumerable locations throughout the world. As a result of such intense and constant immersion, he is able to point out the growing similarities of an increasingly homogenised global culture noting those in-between spaces that offer little sense of belonging, what the French anthropologist Marc Augé – in describing ubiquitous spaces such as airport lounges or shopping malls – refers to as 'non-places'.¹ More significantly, Muntadas' engagement with the movements and unpredictable changes of our world – transformations that have given rise to critical writing on the subject of the nomad – governs his conceptually based practice to its core. His regular and repeated involvement in many cultures, languages and ideologies, has given Muntadas the ability to focus on interconnections and to act on the transgressive potential of a constantly shifting position.²

So, *between* is not only the space of separation, it is also its opposite – the space of connection. Thus it is an ever-growing field of passages and conduits that offers unknown possibilities associated with unspecified or unclaimed space; it is a highly active and productive zone, one that might even possess a utopian dimension. As a term that bridges space and time, *between* has been readily used in relation to theorizing about human migration and ensuing cultural shifts. The post-colonial theorist Irit Rogoff, for example, in speaking about changing conditions of space, the massive 'dislocation of subjects, and the disruption of collective narratives',³ laments 'the absence, of navigational principles'.⁴ In her discussions of geography and location she asks, 'where do I belong?'⁵ suggesting that our 'difference, rather [than] our homogeneity determines what we know'.⁶ Homi Bhabha's perspective on cultural difference in relation to social upheavals suggests that these 'in-between spaces provide the terrain for elaborating strategies of selfhood [...] that initiate new signs of identity, and innovative sites of collaboration, and contestation, in the act of defining the idea of society itself'.⁷ He proposes that in today's highly migratory world, to 'unbelong' and 'to not be at home',⁸ are in fact essential to having a critical perspective; and, to occupy such 'interstitial passages [...] opens up the possibility of cultural hybridity'.⁹

MAPPING AN ARTISTIC PRACTICE

Muntadas' art practice is comparable to a type of field study. For the four decades that he has mined the latent power of indeterminacy – using it as the springboard for much of his cultural exploration – he has borrowed from the social sciences such methodologies as observation and informal interviews. Most often positioned as an open but informed outsider, Muntadas studies sensations, gestures, memories, perceptions, interactions and representations by observing people, places, events and objects. By approaching his art practice from that state of 'unbelonging', he has been able to uncover some of the complexities of contemporary social discourses and structures. (...)

Many of Muntadas' art works tend to be projects, rather than autonomous art objects, with a somewhat tenuous relationship to the art market. These projects typically engage groups of citizens, students or staff in their formulation, research and production, an involvement that is sustained over months or even years. While Muntadas' hand is firmly present, the nature of this work is collaborative, open to input, even to disruption. The works are sometimes exhibited in the same public realm that they investigate, often as site-specific pieces that are dependent on a localised setting for their display, whether this is on the Internet, in the museum or in the street. Rather than presenting a specific point of view, the resulting installations, photographs, videos, interventions, actions and publications – while critical in their outlook – tend to convey fields of information that might be re-organised according to typology, re-framed without their former lustre or re-examined cross-culturally. Not particularly concerned with formal harmonies, Muntadas prefers to utilise an information-based aesthetic that is highly graphic and text-based. The brochures, posters, newspapers, banners, TVs, CDs, light boxes, street signs and architectural fragments prevalent throughout his works echo the techniques and technologies of the mediated environment that he scrutinises. They are re-purposed as art works that highlight or juxtapose and return anew an isolated slogan, headline or jingle; this distancing process not only focuses the content of but exposes the means behind the message, revealing what lies 'between the lines'.¹⁰ A distillation of his key explorations over the last forty years shows that Muntadas has continued to use similar strategies for decades, especially the modes of observation crucial to his early pieces made in the seventies. These experientially based actions and activities examined the sub-senses (the less-considered ones of smell, touch and taste) and were intended to sharpen one's perception of everyday materials and personal spaces. As his interests expanded to include a broader, more public investigation of the quotidian, Muntadas also adopted a more socially based approach. In parallel, an undercurrent of political consciousness also became evident in his work and is especially visible in the influential collaborations of the Grup de Treball of which Muntadas was an active member.

Between 1973 and 1975, during the last years of General Franco's repressive dictatorship, the artists in this short-lived but formative movement 'generated the most radical artistic debate that has ever taken place in Catalonia in relation to the practice of art'.¹¹ As Antoni Mercader, one of the Grup members chronicles, the ideological nature of the group brought it into conflict not only with the politics of Spain's dictator, but its members also showed their disenchantment with the avant-garde and the commercial art system, producing works as a collective and as individuals that were conceptually-based, ephemeral and that actively dismembered traditional notions of artistic materials and display.¹² Muntadas' trajectory of aesthetic-socio-political analysis has been consistent since these early days.

One of the initial practitioners of media art in the mid-seventies internationally, Muntadas' early experiments with video were direct interventions into the 'media landscape' as he then termed it. Among his many projects, he dissected the symbols, images, credits and slogans of mass media, but also worked with communities to insert relevant programs about local traditions and events into the emerging screens of mass communication. Intent on asking important questions in a manner befitting an artist in the Information Age, he intervened through small and covert actions, as well as large manifesto-like projects that boldly located the significant issues of the day in the public realm. Such manifestos include his 1974 proclamation that art and life are inextricably linked – 'Art ⇌ Life' – a belief that underlies his entire body of work as well as his day-to-day actions embodied in his statement, 'I work where I live and I live where I work'.¹³ In 1981, in another of these manifesto-type projects, his comment on the lure of the image was to proclaim on a massive advertising hoarding: 'What are you looking at?' In 1999 he created a series of posters, stickers and signs that declare: 'Warning: Perception Requires Involvement' by which he held passers-by accountable for their engagement – a decree that goes beyond mere critique and towards identifying and participating in alternatives.

By the eighties, Muntadas' examination into the syntax, archetypes and architecture of the media landscape had intensified as had his interest in unravelling the polemic binaries of public and private, subjective and objective, standard and specific. He adopted a stance of 'critical subjectivity'¹⁴ in his ever-deepening interest in the tension between such opposites. During the eighties he also began a number of long-term investigations into the structures and codes of control, especially in the art world itself. (...) In the nineties he turned his focus with greater urgency to issues of translation, even though he had already articulated an interest in the subject in the late seventies with questions such as 'How do we choose to interpret what we see?'¹⁵ (...) It is precisely Muntadas' project to consider the nuances of cultural signs, values and forces, an investigation that is vital to deciphering and participating in today's hybridised world. (...)

The final section turns to *Systems of Art* to present installations and conceptual works that critique the hierarchies of the art world, commenting on the institutionalisation of museums and the politics and business of art. It features a major installation, *Exposició / Exhibition*, that questions and unhinges the typical devices of framing and display. (...)

As viewers leave the official space of this exhibition or publication and head off into the vastness of the world beyond, they will inevitably find themselves in *between* places. Muntadas' work suggests that in those situations that cannot be completely known, predicted or controlled, there exist possibilities for a multitude of engagements, especially if we consciously participate in deciphering and translating 'what we are looking at'.

Daina Augaitis (Chief Curator and Associate Director in the Vancouver Art Gallery)

Excerpt of the text published in the catalogue of the exhibition: *Muntadas: Entre/Between*, Madrid, MNCARS, 2011.

¹¹In an essay and book of the same title, *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, 1995, Marc Augé coined the expression 'non-place'.

¹²The nomadic subject has been articulated in the writings of Gilles Deleuze and Felix Guattari as well as in the feminist views of Rosi Braidotti.

¹³Irit Rogoff, *Terra Infirma: Geography's Visual Culture*, Routledge, London, 2000, p. 1.

¹⁴*Ibid.*, p. 14.

¹⁵*Ibid.*, p. 14.

¹⁶*Ibid.*, p. 5.

¹⁷Homi K. Bhabha, *The Location of Culture*, Routledge, London, 1994, p. 1.

¹⁸Irit Rogoff, *op. cit.*, p. 2.

¹⁹Homi K. Bhabha, *op. cit.*, p. 4.

²⁰*Between the Lines* (1979) is one of Muntadas' early video works made about the invisible mechanisms that control and contextualise media information. Source: Electronic Arts Intermix on line catalogue <http://www.eai.org/title.htm?id=1891>

²¹Pilar Parcerisas, 'The Grup de Treball: Art and Political Ideology' in *Grup de Treball*, Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, 1999, p. 142.

²²Antoni Mercader, "About the Grup de Treball", in *Grup de Treball*, *op. cit.*, p. 137.

²³Eugeni Bonet, *Monographs – Muntadas*, Fundació "la Caixa", http://www.mediatecaonline.net/Obert/EP00027/cas/index_en.htm, 2011

²⁴Muntadas' first use of the term 'critical subjectivity' was in relation to his seminal work *On Subjectivity*, 1978.

²⁵Bonet website.

MIRAR

VER

PERCIBIR



EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Programação
Programming
Isabel Carlos

Curadoria
Curator
Daina Augaitis

Assistente do Artista
Artist Assistant
Andrea Nacach

Arquitetura e Coordenação Técnica
Architecture and Technical Co-ordination
Cristina Sena da Fonseca
Enric Franch

Produção e Coordenação
Production and Co-ordination
Rita Lopes Ferreira

Secretariado
Assistants
Ivone Massapina Pinto
Rosário Lourenço

Equipa de Montagem
Construction Crew
Carlos Catarino
Carlos Gonçalves
José António Nunes de Oliveira

Design Gráfico
Graphic Design
Pedro Leitão

Instalação Gráfica
Graphic Installation
Paulo Santos

Serviços Centrais da FCG
FCG Centralized Services

Audiovisuais
Audiovisual Materials
Clemente Cuba
Jorge Gonçalves
José Gouveia
Paulo Baía
Pedro Antunes
Tiago Jónatas

Luminotecnica
Lighting
Manuel Mileu

Transportes e Apoios Diversos
Transport and Other Services
Paulo Gregório

Arte ⇄ Vida, 1974
© Muntadas y Joan Sagrista

VISITAS | GALLERY TALKS

Encontros ao fim da tarde
1 de junho (sexta-feira) às 17h00
Visita orientada pela curadora
Daina Augaitis e pelo artista **Antoni Muntadas**

Domingos com arte
10 de junho, 15 de julho
e 2 de setembro (domingo) às 12h00
Visita orientada por Ana João Romana

Uma obra de arte à hora de almoço
13 de julho (sexta-feira) às 13h15
La Siesta
Visita orientada por Ana João Romana

Visitas para escolas e grupos organizados,
oficinas criativas para jovens e famílias
The education department provides group
gallery talks in English by appointment
Marcações | Booking / Informações | Information
Descobrir
Programa Gulbenkian Educação para a Cultura
Tel. 217823800 | Phone. +351 21 782 38 00
descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt
www.descobrir.gulbenkian.pt

CADERNO DO CAM | CAM BOOKLET

Coordenação | Coordination
Patrícia Rosas
Texto | Text
Daina Augaitis
Tradução | Translation
Luísa Yokochi (Kennis Translations)
Design | Graphic Design
Pedro Leitão
Impressão | Printing
Textype, Artes Gráficas Lda.
Depósito Legal | Legal Deposit
344 595/12
ISBN: 978-972-635-256-3
Maio 2012 | May 2012

CAM - Fundação Calouste Gulbenkian
Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisboa | Tel: 21 782 34 74
De terça a domingo das 10 às 18 horas
Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisbon | Tel: +351 21 782 34 74
Tuesdays through Sundays 10 am - 6pm